



DARCY RIBEIRO FALA DA CRIAÇÃO DO MUSEU DO ÍNDIO E DA CAUSA INDÍGENA

Pág. 02

Foto: H. Foerthmann



Darcy Ribeiro, em 1951, entre os Urubu-Kaapor no Maranhão.

SETOR PEDAGÓGICO DO MUSEU DO ÍNDIO FAZ PESQUISA SOBRE ATO DE BRINCAR

Pág. 04

EDITORIAL

O jornal *Museu ao Vivo* chega à sua terceira edição. Acontecimento significativo diante do impasse vivenciado pela maioria dos órgãos culturais, devido à falta de verbas e às condições precárias de trabalho. Esse projeto está contribuindo efetivamente para a divulgação do espaço Museu do Índio por atrair um número cada vez maior de pesquisadores, estudantes, turistas e público em geral, além de dar realce à empresa patrocinadora — Leão Júnior S.A. — em relação à sua participação na vida cultural do País.

Fazendo um balanço da receptividade do jornal entre seus leitores, foi oportuna a veiculação, no primeiro número, da notícia da presença e da situação dos índios Guarani do Rio de Janeiro. O público em geral, incluindo-se aí também a comunidade fluminense, pode ter acesso a informações sobre a questão dos Mbyá-Guarani, instalados em Bracuí, distrito de Angra dos Reis.

Outro importante episódio ligado à circulação do jornal *Museu ao Vivo* foi a excelente aceitação do seu segundo número pelos estudantes, que funcionou como fonte de pesquisa para as tarefas escolares referentes ao Dia do Índio (19 de abril). Através do Convênio científico-cultural firmado entre o Museu do Índio e a Secretaria Municipal de Educação do Rio de Janeiro, o impresso *Museu ao Vivo* chega às mil escolas públicas da rede municipal, facilitando o contato com o trabalho da FUNAI, órgão governamental responsável pela assistência a cerca de 200 grupos indígenas, e com as atividades desenvolvidas pelo Museu do Índio.

Queremos fechar este editorial convocando todos a participar da criação da sociedade Amigos do Museu do Índio — AMI, prevista para setembro. A AMI fortalecerá o papel que vem sendo desempenhado pelo Museu do Índio de centro de divulgação da causa indígena em seus 38 anos de existência, além de viabilizar a realização de diversos projetos de instituição e motivar o público para a causa indígena.

Maria Goretti, diretora do Museu do Índio
Cristina Borelho, jornalista

CARTAS

Sra. Diretora do Museu do Índio,

Venho informar a V. Sa. que o jornal *Museu ao Vivo* vem tendo excepcional receptividade entre os professores da rede pública de ensino deste Município.

A publicação preenche a expectativa dos professores no que diz respeito à atualização de informações sobre o Museu e à questão indígena, cumprindo, desta forma, o objetivo principal do convênio SME — Museu do Índio que é manter o intercâmbio científico — cultural entre as instituições.

É importante ressaltar o apoio de empresas privadas na viabilização de projetos educacionais e culturais, uma vez que a responsabilidade pela Educação e pela cultura compete ao Estado e à sociedade como um todo. Neste sentido, parabenizamos a iniciativa da empresa Matte Leão em patrocinar a edição do jornal que chega às 1000 escolas públicas do nosso município.

Atenciosamente,

INGRID COUTINHO CONTI
Diretora da Divisão de Currículo e
Avaliação do E/DGE/DAP
Secretaria Municipal de Educação do Rio de Janeiro
(11/06/91)

EXPEDIENTE MUSEU AO VIVO

Jornal do Museu do Índio, órgão da Funai, vinculado ao Ministério da Justiça.

● Publicação trimestral

● Edição: Maria Goretti e Cristina Borelho

Consultoria Técnica: Maria Elizabeth Bêta Monteiro (Antropóloga)

Produção: Jotares Edições

● Distribuição gratuita — Nº 3 — julho/agosto/setembro/91

● Tiragem: quatro mil exemplares

Rua das Palmeiras, 35 - Buzafogo

Rio de Janeiro - RJ

CEP - 22.270

Tel.: 256-6790 e 256-6889

ENTREVISTA

Darcy Ribeiro*

MV — Como surgiu o seu interesse pela questão indígena?

DR — Estudei na Escola de Sociologia e Política de São Paulo que, na época, era um dos melhores centros de estudo de Ciências Sociais e por onde passaram Lévi-Strauss e Radcliffe-Brown. Foram meus professores Donald Pierson, Herbert Baldus e outros. Alíeis foi Baldus que me apresentou a Rondon, dando início à minha vida de etnólogo. Afinal, o que eu queria era fazer estudos de observação direta da conduta humana e eu fui fazê-los no mato, com os índios. Entre eles fiquei por quase 10 anos encantado pela sua dignidade inalcunável para nós. Como eles, percebi que o socialismo almejado estava ali, na minha frente. Foram os Karibéa, os Guarani, os Urubú-Kaapor, os Bororo, que me mostraram a generosidade, a espontaneidade e o gosto pela beleza. Foi também entre eles que percebi a dor suprema de ser índio num mundo hostil. Compreendi a impossibilidade de uma posição neutra, "científica", diante do drama indígena. Desde então passei a ficar mais atento aos fatores que afetavam o destino dos povos indígenas, do que às curiosidades etnográficas.

MV — O que a criação do Museu do Índio, em 1953, representou para aquele momento histórico?

DR — Para romper com a hipocrisia da democracia racial das elites brasileiras, pensei em criar um museu contra o preconceito. Foi criado, assim, no Rio de Janeiro o Museu do Índio, comprometido com o destino dos povos indígenas. Alcançou grande repercussão internacional por tratar-se do primeiro museu etnográfico com o caráter e o propósito não só de preservar, mas também de divulgar e denunciar as violências e ameaças contra essas populações. O Museu do Índio foi também um centro de formação de profissionais através do Curso de Aperfeiçoamento em Antropologia, para o qual foram incentivadas as contribuições dos meus companheiros Eduardo Galvão, Costa Pinto entre outros.

MV — O Sr. poderia falar sobre a importância do espaço Museu do Índio na Cidade do Rio de Janeiro?

DR — O Rio de Janeiro é a caixa de ressonância cultural do país. É para ela que convergem os turistas nacionais e estrangeiros que transitam por esse Brasil. É lá que se encontra a maior rede pública de ensino, os grandes centros de cultura localizam-se no Rio de Janeiro. O Museu do Índio está, pois, no lugar que lhe cabe, dentro desse cenário cultural, e atingindo os propósitos para os quais foi criado. Alíeis os meus projetos no Rio de Janeiro sempre me deixaram muito contente. A Biblioteca Pública Estadual, a casa França-Brazili, o Museu do Carnaval, o corredor cultural são expressões importantes da cultura brasileira.

MV — As ideias do seu bestei de juventude, Rondon, ainda orientam o tratamento dado à questão indígena?

DR — Infelizmente, lamentavelmente não. A política indigenista vem desrespeitando sistematicamente os princípios de Rondon que orientaram sua trajetória por essas sertões brasileiros, instalando linhas telegráficas e defendendo os povos indígenas à frente do extinto Serviço de Proteção aos Índios. Veja bem o que aconteceu com os Guarani do sul de Mato Grosso hoje. Esses índios, que contribuíram para a formação do povo brasileiro, nos ensinaram o nome e o uso das plantas e dos animais dessa terra e tiveram uma liderança ímpar como Marçal Tupã, se encontram numa situação limite de total desencanto.

* Antropólogo e Senador da República.

Museu Preserva Acervo Inédito que Registra Primeiros Contatos com os Povos Indígenas

Com a finalidade de despertar o grande público para a causa indígena, o Museu do Índio foi criado, em 1953, como parte da Seção de Estudos do extinto Serviço de Proteção aos Índios - SPI. Os trabalhos desenvolvidos pela SE tinham por objetivo documentar, através de pesquisas etnológicas e linguísticas e de registros cinematográficos e sonográficos, todos os aspectos das culturas indígenas existentes no País.

A fotografia foi uma das formas encontradas por Rondon, na época das expedições de "desbravamento" do interior do Brasil e instalação de linhas telegráficas (1907 - 1915), para revelar a diversidade cultural dos povos indígenas. A memória dos primeiros contatos com esses grupos foi preservada pelo Laboratório Fotográfico do Museu do Índio através do especialista em restauração e reprodução de fotos, João Domingos Balbi Lamônica, que, a pedido do patrono das Comunicações Brasileiras, montou, em 1943, o laboratório do SPI.

Os 1.800 negativos em vidro da Comissão Rondon apresentam problemas quanto ao seu estado de conservação. Alguns encontram-se destruídos por mofo e fungos, outros quebrados. "É preciso restaurar o mais rápido possível essas chapas, resgatando, assim, os primeiros 50 anos do indigenismo deste século", declara Ana Maria da Paixão, responsável pelo Setor de Antropologia Visual do Museu do Índio.

Lamônica, hoje aposentado, foi o grande responsável pela preservação desse material raro e de inestimável valor histórico que ficou sob a sua guarda até maio de 1991. Com 68 anos, 52 deles dedicados à fotografia, o amigo de Rondon acredita que essas peças devem ser divulgadas, pois só assim ganharão vida.

Foto: José Leoni



Foto do Convênio Rondon reproduzida por Lamônica, a partir de negativo em vidro, pertencente ao acervo do Museu do Índio.

Índios Mambiquara (MT) preparando beijos de mandioca.

OPINIÃO

A QUESTÃO INDÍGENA BRASILEIRA E O MEIO AMBIENTE

Edição Bastos/88*

Procurar simbolicamente um "Homo Sapiens" que melhor represente, de modo ecológico, a espécie significa associação imediata ao índio. Na verdade, as etnias indígenas viveram em perfeito equilíbrio com o ecossistema, o que foi quebrado a partir das influências do elemento desestabilizador: o homem branco.

Fruto da colonização e frente de expansão capitalista, a exploração desordenada de grandes regiões brasileiras indiscriminadamente. Escavaram-se as riquezas do solo, saíram florestas, rios, mas, sobretudo, o índio acabou sendo levado à extinção, vide os Guarani, tantos outros, hoje tão poucos.

Após a "ação" dos "portugueses", os índios foram confinados em limitadas glebas de terra. Hoje, pensar em região cultural de perambulação indígena - ou outros conceitos científicos ligados a manifestações de caráter cultural - passou a ser objeto da história. Os Kaingang, por exemplo, habitavam a região Tietê-Uruguaí; agora encontram-se restritos a 23 reservas, em superfícies limitadas.

No entanto, mesmo perdendo determinados valores culturais através do contato, o índio tem demonstrado historicamente grande resistência às imposições de regras da sociedade envolvente.

Neste momento em que a ecologia passou a ser palavra de ordem do Otápoque ao Xingu, com linha direta para Nova Iorque e Paris, não se criam mecanismos capazes de impedir, coibir, encarcerar, aqueles que se apoderam ou compram madeira de índios. E mesmo a Europa avocasse a defesa da floresta amazônica em manifestos muitas vezes redigidos sobre eskrivanhas de madeiras nobres brasileiras, tal como o mogo que existia no gabinete da ex-Primeira-Ministra Margaret Thatcher.

Ao se encontrarem ligados de modo direto à questão ambiental, os indigenistas enfrentam sérias dificuldades no sentido de manutenção do equilíbrio entre homem/índio/floresta. É preciso que se considere o contexto específico da região, a constante pressão externa sobre as reservas, a dimensão singular da problemática vivida

Foram os Guarani que desfrutaram a erva-mate e logo ela ficou conhecida como *caa-erva* saborosa, usada para preparar uma bebida de grandes virtudes, a *caa-i* (água de erva-saborosa).

O elemento indígena teve grande importância não só por transferir ao colonizador o uso do mate, mas deixando influências na língua.

Hoje em dia o processo básico de industrialização da erva-mate ainda passa por alguns métodos com a mesma denominação dos índios Guarani.

- BARBAQUA - Forno
- CANCHA - Local onde se faz a trituração das folhas de mate, deste termo surgiu a erva cancheada.
- SAPECO - Abrir os vasos das folhas de erva, desidratando-as.

Dizem as lendas que a erva-mate é a bebida dos deuses. E a Leão Júnior vem, há 90 anos, produzindo o Mate Leão com o mesmo sabor do início do século. Uma bebida que os índios consumiram antes mesmo do descobrimento do Brasil.



por algumas comunidades indígenas, sob a sina de absorção de hábitos, usos e costumes alheios impostos pela sociedade envolvente e determinados por circunstâncias de sobrevivência e, ainda, compelidos muitas vezes a proceder diferentemente do desejado.

Seja como for, ao passar de 450 anos, apesar de toda destruição, do cerco fixado por homens estranhos ao seu "habitat" primitivo, os índios, vistos em sua totalidade, não seguem a trilha de devastação preconizada pelo homem branco, tornando-se uma espécie de espectador de filme pouco educativo.

Com a histórica ingratidão dos brancos, a concórdia aflorou de forma progressiva no interior de muitas das reservas indígenas. Afinal, fundaram-se a caça, a pesca e a coleta que garantiam a sobrevivência dos aborígenes.

Sem dúvida, preservar é preciso, como é necessário que os índios, mais uma vez, não sejam os mais sacrificados em favor de outros segmentos sociais.

Considerando-se que o branco negou ao índio a possibilidade, e dele tirou a capacidade de viver em equilíbrio com a natureza, forçando a atual situação em que o índio necessita produzir seu sustento, um raciocínio lógico poderia ser a proposta de compensação financeira (governo, estado, entidades) em troca da manutenção de recursos naturais existentes em reservas.

A realização de objetivos da sociedade não índia situa-se num plano diferente dos interesses indígenas, e mesmo ao nível de direitos assegurados pela Constituição.

Há de se reconhecer os avanços obtidos na convivência brasileira a respeito da questão indígena, mas é preciso ampliar ainda mais o conhecimento de realidades localizadas, sem esquecer o conjunto.

Hoje, não se trata de manter o que resta do ecossistema a ponto de impedir o índio de viver, sobreviver, buscar equilíbrio, preservar, registrar, respeitar aspectos culturais, através de apreciações concretas, e não apenas teóricas, do que foi ou poderia, em suma, de propostas imediatas, não representando tarefa restrita à Funai, mas sim de organismos federais, estaduais, municipais e - por que não? - de toda sociedade brasileira, justo a mesma que, direta ou indiretamente, contribuiu para a ruptura entre o índio e o meio ambiente.

É preciso parar de se gastar os índios no Brasil. Que os deixassem os Xetá e Otá-Xavanbé.

* Experiência Agrônoma e Superintendente Geral da Funai.

PESQUISA INDÍGENA

MUSEU DO ÍNDIO REALIZA PESQUISA
SOBRE O ATO DE BRINCAR

Beatriz Menez Freire*

O termo 'Museu Vivo' tem sido utilizado com frequência na literatura especializada para designar o museu inserido nos fenômenos contemporâneos, que tem por competência servir não apenas às elites, mas a um público cada vez mais diversificado.

Os 'museus vivos' são fruto de um momento de redefinição do uso social do museu enquanto instituição, que começou nos EUA e na Europa, na década de 30, atingindo o Brasil na anos 70. Uma de suas características é a importância atribuída à função educativa e à relação Museu/Escola.

A ação educativa realizada em museus brasileiros tem sido marcada por diferentes orientações, produzindo mudanças significativas no atendimento ao público, especialmente o chamado 'público escolar'. Assim, a tradicional visita guiada vai sendo aos poucos substituída por programas de visita ativa, cuja proposta é levar o aluno ao espaço de descoberta, explorando o potencial lúdico das exposições museológicas.

O Museu do Índio vem atuando, desde 1986, experiências educativas dirigidas ao

público estudantil, com o objetivo de discutir a noção de DIVERSIDADE, divulgando a história e a cultura dos povos indígenas do Brasil, questionando a visão de uma sociedade homogênea e enfatizando a pluralidade lingüística, cultural e étnica que, ao longo do tempo, caracteriza a realidade brasileira. Tais atividades, que integram a visita orientada, possibilitam práticas indígenas — como a pintura corporal, a preparação de pratos da culinária indígena, a narração de mitos, a vivência de brincadeiras indígenas — permitindo ao jovem visitante participar e não apenas observar.

A realização de tais atividades tem apontado para a necessidade de desenvolvermos material de apoio específico, acessível ao visitante. Assim, o uso de objetos de acesso do museu está momentaneamente limitado às regras de conservação, que restringem, por razões antropométricas, o seu manuseio. Acidentes que a situação seja a criação de recursos como jogos e brincadeiras de temática indígena, que possam ser utilizados no museu e emprestados às escolas. A concepção desse material lúdico deverá considerar o que chamamos 'as necessidades lúdicas': suas motivações e interesses.

A fim de conhecermos melhor o papel das atividades lúdicas na ação educativa em museus, o Museu do Índio firmou, recentemente, um convênio com a Brinquedoteca Hapí, atre-

plando seu 'espaço lúdico' e propondo aos seus educadores e usuários novas oportunidades de exercício e de observação do ato de brincar.

Através de seu Setor Pedagógico, o Museu do Índio e a Brinquedoteca Hapí produziram projeto de pesquisa intitulado "LUS E OUTROS": O USO DO BRINQUEDO NAS ATIVIDADES EDUCATIVAS EM MUSEUS". Trata-se de um estudo exploratório, de caráter interdisciplinar, sobre o uso de brincadeiras, tendo por proposta identificar as necessidades lúdicas específicas de crianças com idade entre 4 e 10 anos.

A realização de tal pesquisa, que contará com o apoio do INEP — Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais, é o primeiro passo para a criação de brinquedos de temática indígena, próprios para o uso do museu.

Brincando, revivendos seu universo, valores e interesses, o pequeno visitante nos conduziu à produção de recursos lúdicos adequados para uma abordagem criativa, simples e eficaz das sociedades indígenas junto ao público infanto-juvenil.

* Coordenadora do Setor Pedagógico do Museu do Índio.

SEMANA DE FILMES E VÍDEOS
NO MUSEU DO ÍNDIO
DE 22 A 25 DE JULHO,
AS 17 HORAS.

Dia 22

- **NANDERU** — Panorâmica Tupinambá (Sérgio Péol)
- **WAYANA-APALAF** (TVE/Pará)

Dia 23

- **OS GUARANI DE BRACUI** (M^{te} Goretti Moreira e Sheila Sá)
- **XOCO** — Um povo que luta por sua identidade (Renato Neumann e Cláudia Menezes)

- **MUNDURUKU** (TVE/Pará)

Dia 24

- **ENTRE OS ÍNDIOS MEHINACÓ** (Marcel Isy Scharwartz)

Dia 25

- **PANKARARU DO BREJO DOS PADRES** (Vladimir Carvalho)



USANDO A TRADIÇÃO E ABUSANDO DA QUALIDADE



ESTUDANTES DO RIO TÊM NOVA VISÃO SOBRE O ÍNDIO

Por Cristina Botelho

Reformular a imagem distorcida dos povos indígenas vivida nos séculos de ouro, através da revisão de livros didáticos e da metodologia aplicada ao ensino da história indígena, é o principal objetivo do Convênio de Intermédio científico-cultural firmado, em 1987, entre o Museu do Índio e a Secretaria Municipal de Educação do Rio de Janeiro.

O projeto atinge 600 mil estudantes de 1^o grau das mil escolas da rede municipal, que estão trabalhando, a partir deste ano, com os conteúdos dos manuais de Geografia, História e Integração Social reformulados no que se refere à origem, formação e organização dos grupos indígenas.

"Com a intenção de rever a sua prática pedagógica, a Secretaria Municipal de Educação do Rio de Janeiro promoveu importantes reuniões que puderam dar contribuição ao seu processo de renovação de ensino, desencadeado, em 1983, por Daisy Ribeiro e Maria Vênia Linsman", explica a Prof. Izabel Coutinho, Diretora da Divisão de Controle e Avaliação do Departamento de Ação Pedagógica dessa Secretaria.

Como desdobramentos do Convênio foram lançados e distribuídos às escolas públicas em 1988 e 1990, respectivamente, os Cadernos de Atividades e Imagens, além da realização, em 1988 e 1990, de cursos de sociologia para os professores, a nível de 1^o grau, proposto uma nova abordagem da problemática indígena.

Para 1992, já está prevista a elaboração de outros recursos didáticos, objetivando a instrumentalização do professorado para a tarefa de revisão da ação generalizadora e preocupada com a sociedade em sua vida cotidiana.



Folhas de páginas originais Tiryó (PA). Caderno de Atividades, Museu do Índio / Secretaria Municipal de Educação do Rio de Janeiro, 1988.
Folha, Protótipo. Oatiró: em autoria adaptado, p. 313.

IMPRESSO

NOTA

As escolas públicas do Rio de Janeiro terão agora acesso ao Museu do Índio facilitado, já que o Metrô, através do seu projeto Museu-Escola, está liberando passagens para os estudantes que desejam visitar os museus da Cidade. Informações com o Setor Pedagógico pelo telefone: 286-2097.